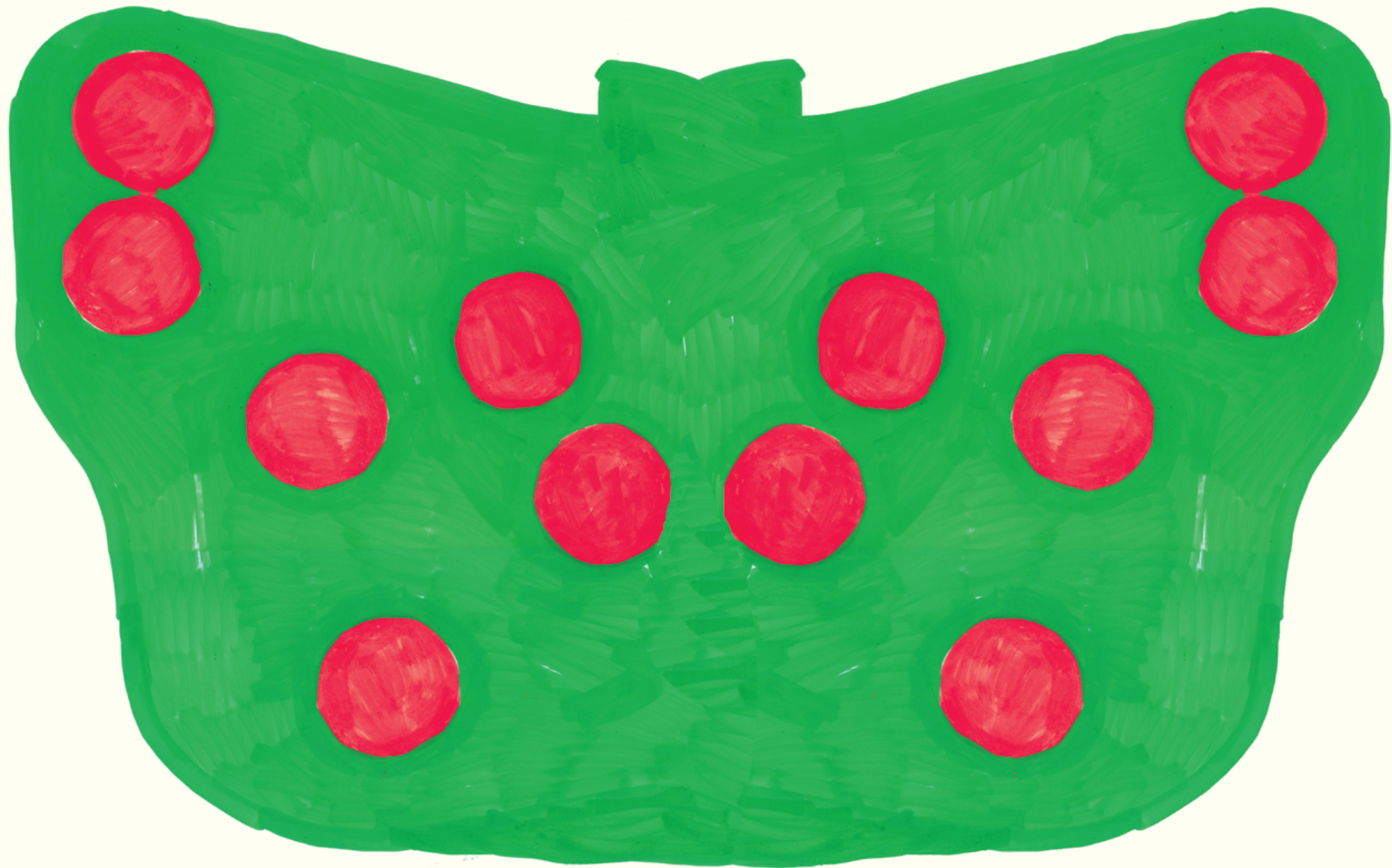


I	Espelhos
II	Sons
III	Sombras
IV	Roupas
V	Casas
VI	Cartas
VII	Nomes
VIII	Fotografias
IX	Cinema

I

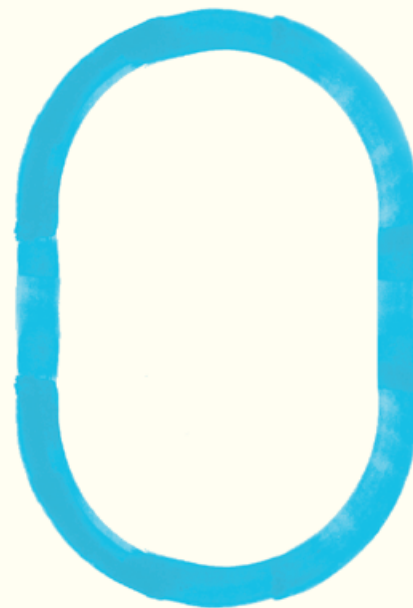
O

Espelhos



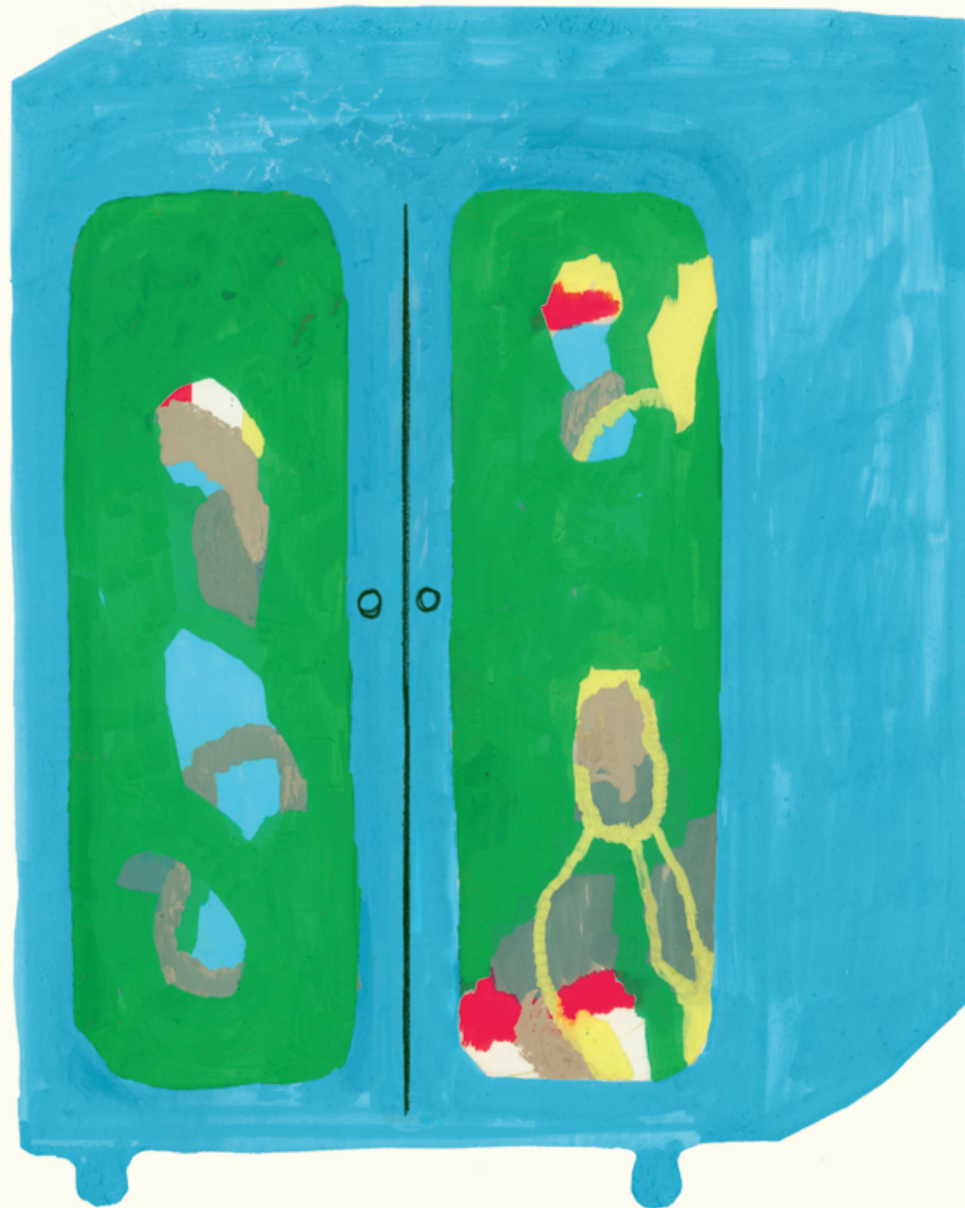


1 A primeira coisa estranha de um espelho é que parece estar sempre a jogar à apanhada connosco. Para vermos o espelho temos de nos pôr de lado, de esguelha quase, apanhando-o em flagrante sem que ele nos apanhe a nós — mas aí não é bem o espelho que vemos, é uma moldura torta e opaca. Para o vermos a ser espelho temos de estar de frente para ele, mas não nos podemos ver a nós e ao espelho ao mesmo tempo. E seremos mesmo nós? De quem é aquela imagem que se vira para um lado quando nos viramos também e não deixa que o nosso olhar se desvie? O primeiro fantasma do espelho é a minha imagem: deixa de ser minha, é do espelho, tenho vontade de lhe tocar mas não consigo, tenho vontade de fugir mas ela foge logo comigo. Só que, ao sair do quadro, não volta para mim, desaparece; e quando volto ao espelho a imagem já é outra, sou eu que estou lá, mas já não sou quem lá estava. (O que vou fazer a seguir? Nem eu nem o espelho sabemos, ainda.)

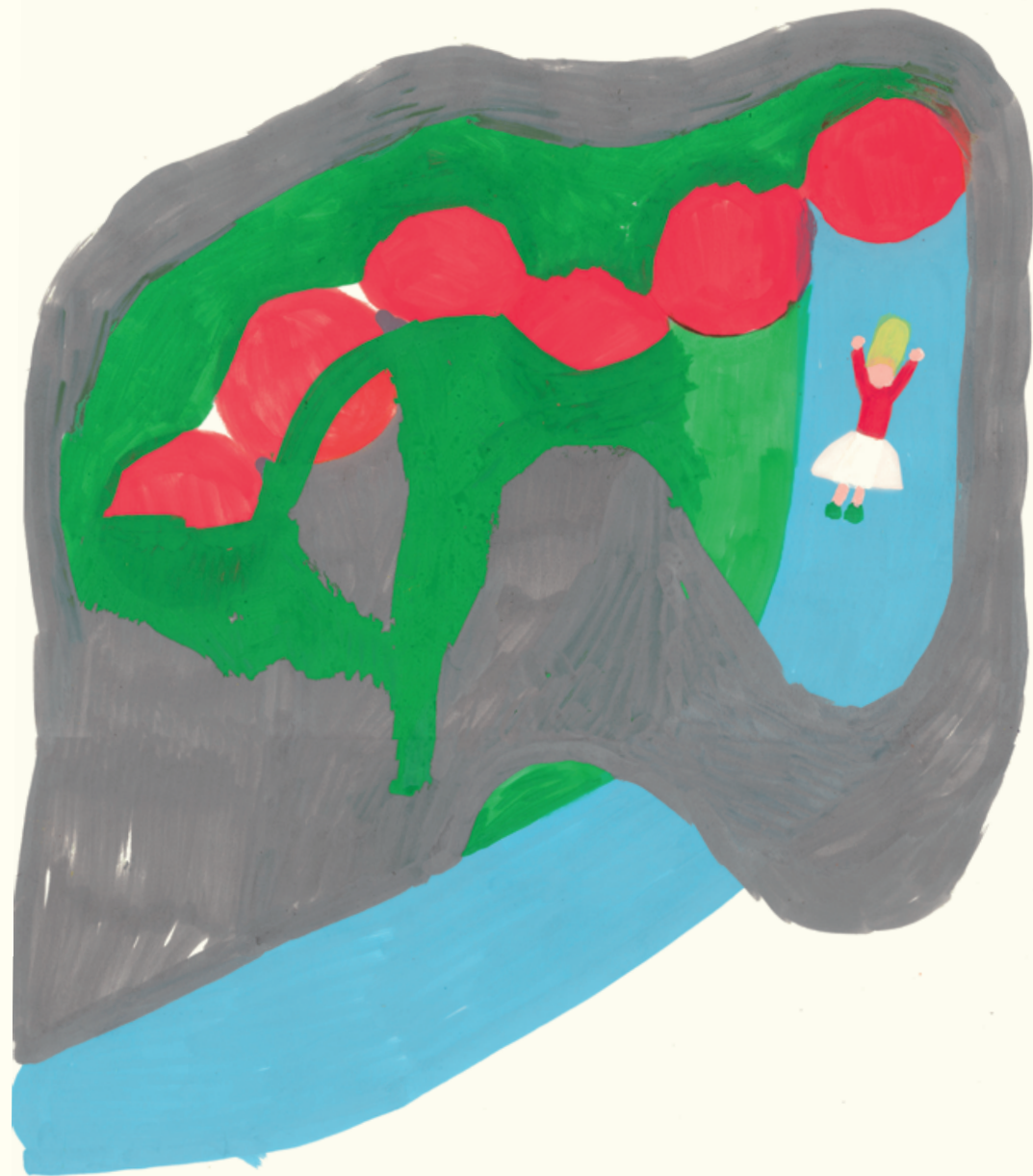


2 Dos espelhos dizem-se muitas coisas: que estão cheios de fantasmas que, com sorte, poderemos surpreender em algum momento; que podem roubar-nos a imagem e fazer de nós fantasmas; que podem dizer-nos o que há de vir ou contar-nos o que se passou; que podem dar-nos sete anos de azar, como se, ao parti-los, partíssemos o nosso futuro em sete pedaços cortantes. Há casas em que se cobre os espelhos com panos negros quando alguém morre, para impedir que o espírito da pessoa que acaba de morrer fique lá preso. Há seres de quem se diz que não têm reflexo, como os vampiros ou os fantasmas. Olho para o espelho e não vejo nada disto, sou eu e tenho uma imagem, mas mesmo assim não sei bem o que vejo, e fico a pensar no que estarei realmente a ver.

3 Outra coisa estranha de um espelho é que não conta nunca o que já viu. Entro numa casa antiga, de pessoas que nunca vi e de quem nada sei. Num dos quartos, há um grande espelho de armário. Não sei de quem foi aquele quarto ou o que lá se passou, mas é inútil fazer perguntas ao espelho: só devolve o meu ar curioso debruçado sobre ele. Vou dormir e sonho com o espelho: uma a uma, saem sombras lá de dentro, descem da moldura, agitam-se pelo quarto, parecem atores a representar uma peça com várias histórias ao mesmo tempo. Não percebo se se conhecem nem se se vêem uns aos outros, mas sinto que são pessoas que passaram por ali, que dormiram naquele quarto, que fizeram ou disseram coisas terríveis ou alegres à volta da cama onde estou, num tempo ou em vários tempos. De repente, acordo assustada e já não vejo sombras, só o espelho impassível, sério, opaco. Mas agora olho para a minha imagem no espelho e penso que está no lugar de outras imagens, que ocupa um lugar já ocupado por alguma coisa ou por alguém que não posso ver. Fecho os olhos e imagino que alguns dos meus gestos, algumas das coisas que farei, na casa antiga ou quando de lá sair, serão a repetição de histórias que o espelho guardou (onde?) e que eu não sei.



4 A superfície do espelho é fria e dura — e, no entanto, parece feita de água. Dá vontade de lá entrar, como se estivéssemos a sair de onde estamos, apesar de a imagem que lá vemos ser igual à que está deste lado (mas invertida, e por isso com outras regras e surpresas?). Quando a Alice cai na toca do coelho, a sua queda é lenta. Tem tempo de pensar numa série de coisas que desarrumam por completo as suas ideias de tempo e de espaço: por exemplo, não sabe se está a cair muito depressa num buraco muito fundo ou se está a descer lentamente por um buraco afinal pequeno. Quando entra dentro do espelho, é tudo muito mais rápido, dando início ao jogo das diferenças: ao passar para o lado de lá, Alice começa por ficar feliz por haver também ali uma lareira (e nenhum adulto para a afastar dela). Imagina-se depois a ser vista pelos pais, sem que a possam apanhar, como se fosse apenas uma imagem. Está livre para explorar o outro lado.

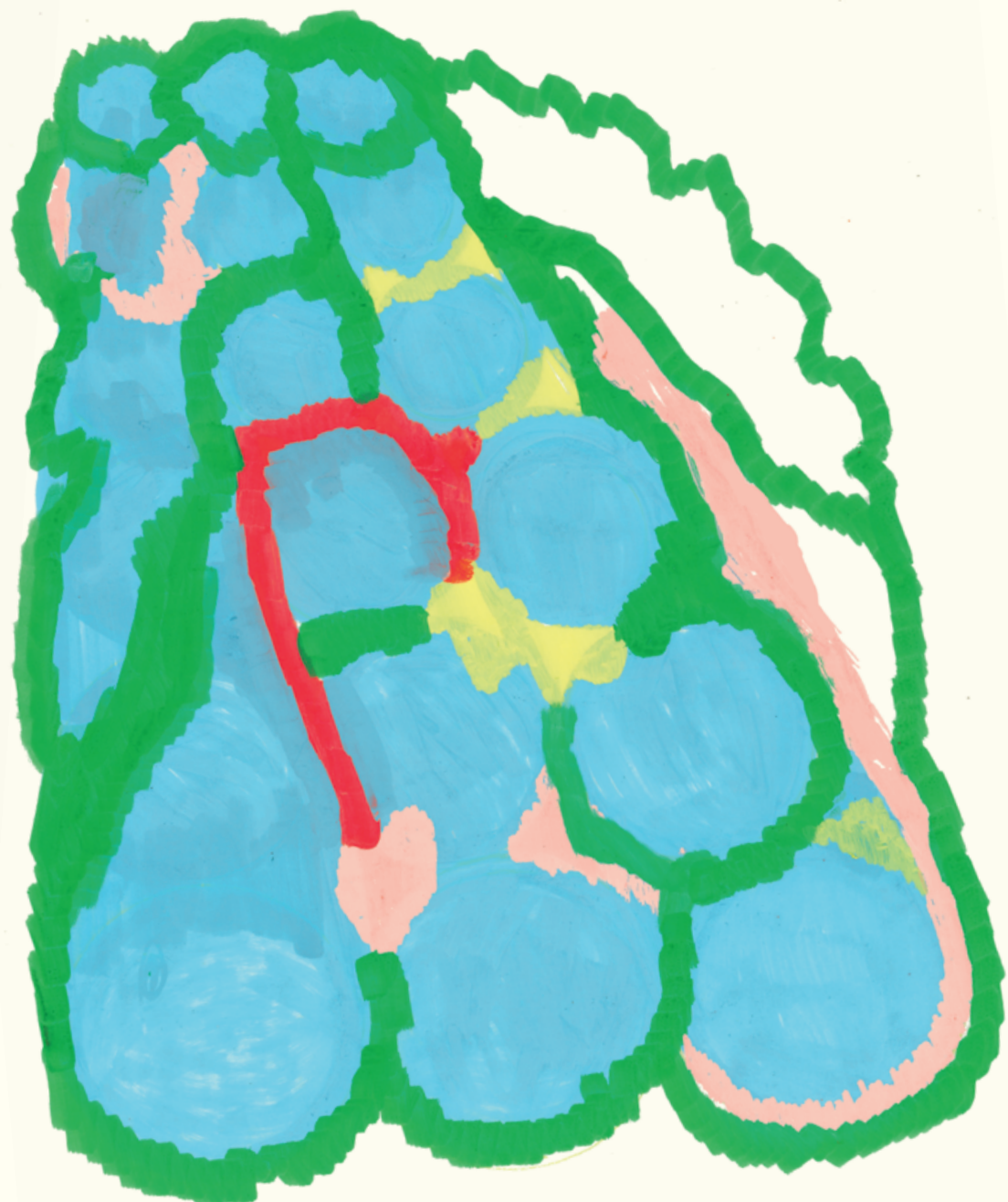
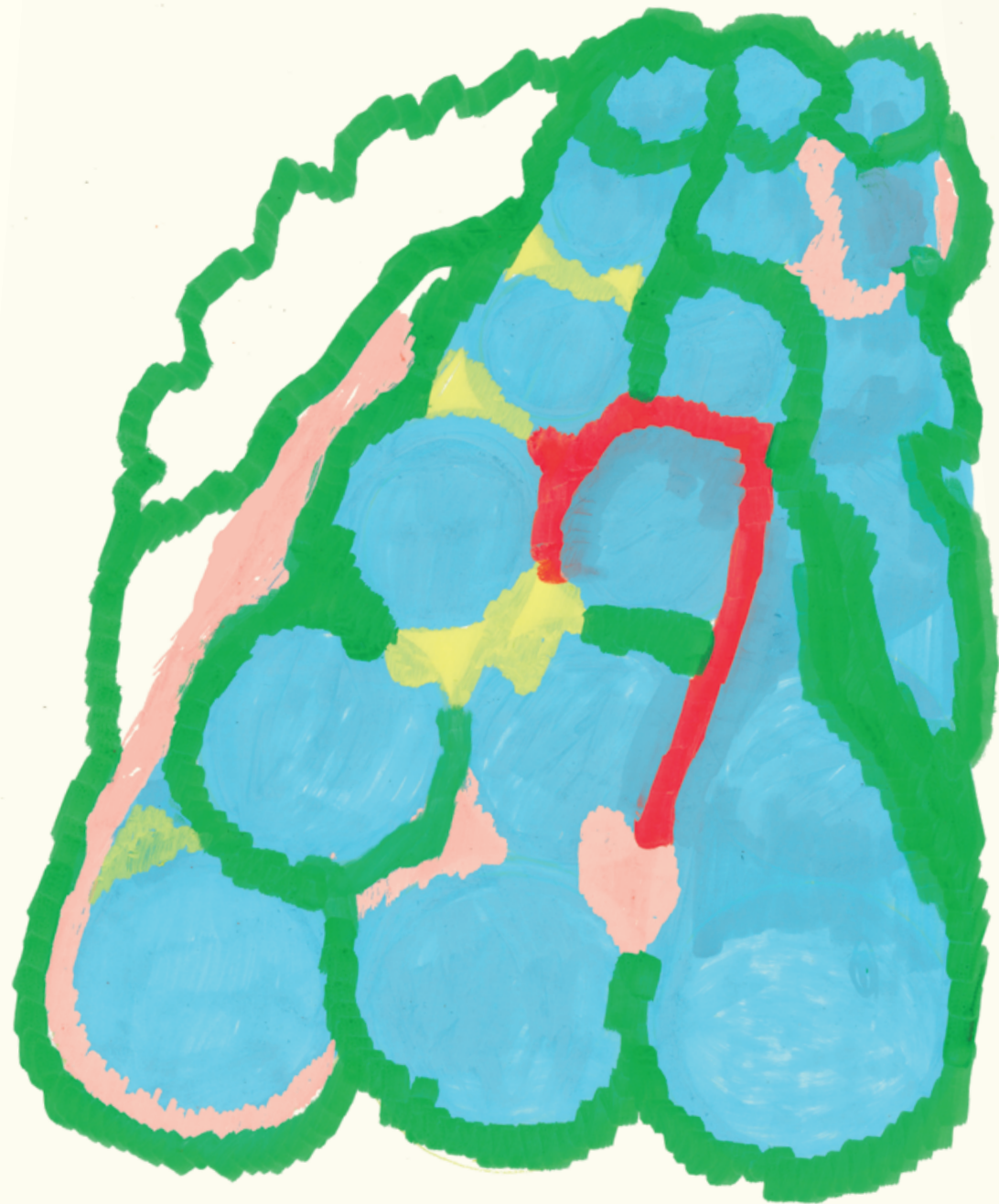




5 Uma maneira de jogar à apanhada com os espelhos é pôr um espelho de frente para outro, criando um jogo de espelhos, como naquela história de um homem que entra num espaço em que dois espelhos se refletem um ao outro e, ao ver a sua imagem de costas, presa neles, não se reconhece. O homem assusta-se, já não sabe quem é. Conhecemos bem a experiência: tentar surpreender no espelho alguma coisa que não seja vista por nós, ou a nossa imagem vista pelos outros. Mas logo percebemos que o jogo de espelhos não faz apenas isso: multiplica a nossa imagem, um espelho dentro do outro, até ao infinito. Podemos divertir-nos — ou assustar-nos — com aquela série de imagens cada vez mais pequenas, cada vez mais distantes, que se afastam sem deixar de repetir tudo o que fazemos. Vemo-nos, de fora e de longe, a mexer as mãos, a cabeça, o corpo — muitas vezes, muitas vezes, como se fôssemos uma marioneta, controlada por nós, mas que nós não controlamos, como se já não pudéssemos ser só um, como se aquilo pudesse não ter fim.



6 O cinema adora brincar com jogos de espelhos. Aliás, o cinema adora espelhos, tal como adora quadros, fotografias, janelas, talvez porque lhe lembrem o ecrã, a tela de cinema. O que equivale a dizer, também, que o cinema adora ver-se ao espelho (ou andar à apanhada com a própria imagem). Como quando Charlot entra na casa dos espelhos, perseguido pelo polícia e pelo ladrão, e o ecrã é invadido por figuras duplicadas, confusas, entrecruzadas — até que se salva incólume do labirinto das imagens e foge em direção ao circo. Ou então quando, no filme *A dama de Shanghai*, as imagens se multiplicam e estilhaçam na galeria de espelhos, e já não sabemos quem dispara contra quem, se alguém aponta para nós, e se são os espelhos ou o ecrã a quebrar-se em mil pedaços.



7 Outra coisa inquietante dos espelhos: o seu silêncio. O corpo mexe-se, a boca abre, mas não sai qualquer som. Num mundo sem espelhos, um rapaz debruça-se sobre um lago e vê pela primeira vez o seu reflexo na água. Imediatamente, apaixonou-se pela imagem desse belo rapaz e tenta falar com ele. A imagem repete os seus gestos, aproxima-se quando ele se tenta aproximar, abre os braços quando o rapaz também os abre para a abraçar, mas não fala nem se deixa tocar. É a história de Narciso, que fica preso na contemplação do seu fantasma, sem se conseguir libertar. Quando percebe que é pelo seu reflexo que está apaixonado, deseja separar-se do próprio corpo, ou dividir-se em dois, mas em vão. O seu corpo definha lentamente (no lago e na margem) até se transformar na imagem fantasmagórica do seu nome: uma flor branca e rajada de vermelho.

